

11

Estudo de casos concretos II: itens em gramaticalização no português sincrônico (contemporâneo)

Dentro do campo das gramaticalizações havidas com verbo – de que foram alvo diacrônico principal deste trabalho os verbos “ter” e “haver”, no capítulo acima – é comum, na linguagem distensa contemporânea do português do Brasil, perífrases em que o verbo “ir” funciona como auxiliar de um infinitivo, a fim de indicar-se o futuro simples do indicativo, tanto do presente quanto do pretérito, que, na sua forma canônica, são praticamente restritos à língua escrita ou falada muito formal. Comparem-se as formas (11a) e (11b) abaixo:

(11.a) Eu falarei com ele amanhã.

(11.b) Eu vou falar com ele amanhã.

(11.c) Eu só falaria com ele se o visse.

(11.d) Eu só ia falar com ele se o visse.

As segundas formas (11.b e 11.d), como se disse, ganham foros de cidade e vêm sendo praticadas desabusadamente em nossos dias, concorrendo com (e prevalecendo sobre) as primeiras formas (11.a e 11.c). Vale ressaltar que a gênese dos futuros simples em português, tanto do presente quanto do pretérito, ocorreram mercê de gramaticalização do chamado modo volitivo ou optativo (HAVER + DE + INFINITIVO), em que o verbo “haver” deixou de fazer parte de uma sequência verbal para tornar-se um conjunto de desinências verbais: modo-temporal (RA, RE, RIA, RIE) e número-pessoal (I, S, MOS, IS, ãO, AM) (cf. Caetano, 2009).

Esboça-se essa passagem nos exemplos abaixo:

(11.e) Eu hei de vencer.

(11.f) Eu vence(r)ei.

(11.g) Eles haveriam de falar conosco.

(11.h) Eles fala(r)iam conosco.

Também pode haver mudança da língua na direção inversa (i.e, a lexicalização, a ida de um item gramatical a um lexical). Por exemplo, ocorrem, frequentemente, entre os jovens de hoje as duas frases seguintes:

(11.i) Ele é super meu amigo.

(11.j) Eu nem vou.

Em (11.i) o item “super” (originariamente prefixo) é usado como adjetivo, já que modifica o substantivo “amigo” (comprova-se que “amigo” aqui é substantivo e não adjetivo pelo fato de estar sendo modificado pelo pronome possessivo “meu”). Em (11.j), a conjunção aditiva “nem” está sendo usada para substituir o advérbio “não”, e não possui na prática – quem está acostumado a lidar com adolescentes do Rio de Janeiro o reconhece bastante bem – nenhuma diferença do mero “não”.

No entanto, entre todos os historiadores da língua portuguesa, parece haver consenso que a lexicalização é processo de mudança mais raro que a gramaticalização.

Said Ali, em sua *Grammatica histórica da língua portuguesa*, antecipa a pesquisa sociolinguística e a percepção de fatores condicionadores, encaixamento, avaliação, transição e encaixe (*apud* Tarallo) ou problemas, restrições, transição, encaixamento, avaliação e implementação com a seguinte afirmação:

Ignora-se a data ou aparecimento exato de qualquer alteração linguística. Neste ponto, nunca será a linguagem escrita, dada a sua tendência conservadora, espelho fiel do que se passa na linguagem falada. Surge a inovação, formulada acaso por um ou poucos indivíduos; se tem a dita de agradar, não tarda a generalizar-se o seu uso no falar do povo. A gente culta e de fina casta repele-a a princípio, mas com o tempo sucumbe ao contágio. Imita o vulgo, senão escrevendo com meditação, em todo o caso no trato familiar e falando espontaneamente. Decorrem muitos anos, até que por fim, a linguagem literária, não vendo razão para enjeitar o que todo o mundo diz, se decide também a aceitar a mudança. (Said Ali, 1931, IV-V)

O mesmo autor, na mesma obra também reconhece a variação e as mudanças na língua, sistematizando-as na língua portuguesa, dividindo-a (a que, neste ponto, ele chama de “português histórico”) em português antigo (desde os primeiros documentos até os primeiros anos do século XVI), português moderno (de então até o século XX, dividindo-o em quinhentista,

seiscentista e setecentista, como se verá) e, dentro do português moderno, uma espécie de subfase, a do português hodierno. Com essa divisão que contempla o passado, mas retorna ao presente, Said Ali comprova a existência da mudança na estrutura da língua (com exemplos que levavam em conta o sistema de cada fase, vinculando-os, frequentemente, a autores basilares (como João de Barros, Sá de Miranda, Antônio Ferreira, Camões etc.).

Há esse exemplo na referida obra:

Não ficou, nem podia ficar, estacionário o português moderno; e assim temos de designar pelos qualificativos quinhentistas, seiscentistas, setecentistas a linguagem das respectivas eras. Reservo a designação de português hodierno para as mudanças características do falar atual criadas ou fixadas recentemente ou recebidas do século XIX, ou que porventura remontam ao século XVIII. (Said Ali, 1931: IV)

Bakhtin, numa de suas críticas ao que ele chama de “retirada da língua do aspecto social” que Saussure perpetraria, afirma:

Entretanto, o sistema linguístico, único e sincronicamente imutável, transforma-se, evolui no processo de evolução histórica de uma determinada comunidade linguística. (1986 [1929]: 79, *apud* Lucchesi, 2004, p. 57)

Muitos séculos antes, vale lembrar, o próprio Horácio, ao referir-se aos modos de falar de seu entorno, assumiu: *Usus norma loquendi*, i.e, “O uso faz a norma”.

Exemplo muito fecundo de variável no português contemporâneo, que aponta para possível gramaticalização e pode chegar a se tornar mudança no futuro da língua, é o uso que, coloquialmente, se faz da forma “a gente” como equivalente a “nós”. Trata-se de gramaticalização pelo fato de estarmos lidando com um item lexical (substantivo coletivo) que passa a ser usado como pronome pessoal (item gramatical ou instrumental).

Pode-se dizer mais sobre o caso, à guisa de análise sociolinguística: há, para designar-se semanticamente o “nós” com uso de “a gente” como substituto, atualmente, as seguintes variantes de ordem sintática ou conjugacional:

(11.k) A gente bebeu a noite toda.

(11.l) A gente bebemos a noite toda.

Na variante (11.l), há evidente cruzamento sintático entre a forma de se conjugar o verbo com o “nós” (bebemos) e a forma singular (porém de significado plural) que “a gente” encerra (bebe). A segunda variante é, hoje, notoriamente mais estigmatizada, porém ocorre em alguns registros idiomáticos do português. Já a primeira, mesmo em ambientes de relativa formalidade, vem a ocorrer sem grandes restrições ou proibições explícitas ou tácitas. Esse é um exemplo, assim como o citado por Tarallo, em que a mudança da língua começa a se esboçar diante de nossos olhos, numa possibilidade iniciada com a variação em relação à norma padrão vigente.

Outro exemplo de gramaticalização que se passa diante de nós neste momento é a seguinte variação:

(11.m) Você trabalha tanto e tem tão pouco...

Em que o “você”, pronome pessoal (item gramatical) passa a funcionar como índice de indeterminação do sujeito (item mais gramatical), equivalendo semântica e sintaticamente a:

(11.n) Trabalha-se tanto e tem-se tão pouco.

Vale ressaltar que, em alemão, o item que indetermina o sujeito é a palavra *Man*, que, literalmente, significa “Homem” (cf.: “*Man arbeitet soviel um so wenig zu haben...*”) E no próprio francês, o “*On*” deriva de palavra em latim que deu, no mesmo francês, “*Homme*” (homem) (cf.: “*On travail beaucoup et on a si peu...*”).

É claro que, ainda quanto à forma já gramaticalizada “você”, há mais gramaticalização, não apenas com o indicie de indeterminação do sujeito, acima exposto, mas, por divergência (cf. Hopper), também como agente apassivador, em estrutura cuja trama semântica, no entanto, não é muito diferente. Assim, *ter-se-ia*:

(11.n') "Depois dos trinta, você come qualquer coisinha e já engorda" = "Depois dos trinta, come-SE qualquer coisinha já (SE⁵⁴) engorda"

Também, é importante observar que, por levar o verbo para a terceira pessoa do singular, ou pessoa gramatical, concorrendo, pois, com ele/ela (cf. "Você fez"), sendo, no entanto, segunda pessoa do discurso (com quem se fala, e não de quem se fala, cf. Jakobson)⁵⁵, o emprego de "você" no discurso implicou toda uma reorganização paradigmática da 2ª com o de 3ª pessoa do singular nos pronomes oblíquos correspondentes e até em algumas formas verbais (como o imperativo, como se verá abaixo) e com a eliminação do paradigma de 2ª pessoa do plural. Como foi tratado no início desta dissertação, trata-se de um caso em que a competência pragmática está em maior evidência que a competência gramatical.

Novas possibilidades combinatórias tornaram-se corriqueiras na linguagem falada:

você com te / lhe / o(a) / teu / seu / tua / sua

vocês com lhes / vocês / os / seus / teus / de vocês

Ou seja, ocorreram alterações (ampliações paradigmáticas) nas outras subcategorias pronominais (possessivos, oblíquos átonos e tônicos, verbos no imperativo) como ilustram os exemplos a seguir:

(11.o) Você falou que me daria o seu / teu livro.

(11.p) Você fez o que lhe / te pedi?

Embora ainda condenada pela gramática, considerada como "mistura de tratamento", o imperativo também foi atingido, como foi dito acima: apareceu com o "crescimento do uso da forma de imperativo referente ao sujeito tu, mesmo quando o tratamento do ouvinte se faz com você" (Paredes Silva, 2000, p.116); evidenciado no recorrente exemplo publicitário veiculado pela mídia

⁵⁴ Esta segunda ocorrência do SE aponta para índice de indeterminação do sujeito, pelo fato de o verbo "engordar" ser intransitivo, diferentemente de "comer"! que, no enunciado, é transitivo direto, apontando para o SE como pronome apassivador, substituído, na enunciação por um VOCÊ mais gramaticalizado que aquele que simplesmente opera em competição com a forma de segunda pessoa do discurso TU)

⁵⁵ Daí uma série de gramáticas o chamarem de segunda pessoa indireta. Bechara, Celso Cunha são exemplos de autores que adotam a terminologia.

(11.q) “Vem para Caixa você também”.

(Pronome “Você”, exigindo, normativamente, imperativo “venha”

OU

(11.r) “Se liga no SBT”

(“Se” é pronome reflexivo de “você”, devendo ser o imperativo “ligue”; ademais, ocorre a próclise em início de período)

Também é interessante o caso da repetição com fito intensificador ou superlativante de vocábulos. Neste caso, os vocábulos, sem mudar de classe gramatical, passam a exercer função gramatical distinta da meramente modificadora, e passam a atuar como se fossem formas presas ou dependentes (afixos), sendo, sintagmaticamente, no entanto, livres.

É interessante observar-se que, se analisados como funcionalmente advérbios, os adjetivos passaram, na verdade, por processo de lexicalização, se se considerar que o advérbio é item mais lexical que o adjetivo (conforme foi exposto acima).

Entretanto, considera-se, neste trabalho, que houve, de fato, gramaticalização, pelo fato de um vocábulo pleno (adjetivo, embora menos pleno que o advérbio) tenha exercido função não meramente adverbial (isto é, semântica), mas precipuamente de categoria gramatical: de superlativador. Essa prática de “superlativos” alternativos no estilo da língua portuguesa é tratada em Lapa (1998), por exemplo quando ele cita o “superlativo hebraico” (assim chamado por ocorrer muito na Bíblia), do tipo *mater matrum* (op. cit.), e em português em sintagmas como “o rei dos reis” etc.

De nossa parte, trazemos exemplos da literatura nacional com repetição estilística de vocábulos com função de superlativos.

[11.s] “Teus olhos são *negros, negros*
Como as noites sem luar.”
(Castro Alves)

[11.t] “Cecília, és, como o ar,
Diáfana, diáfana.”
(Manuel Bandeira)

[11.u] “*Aflito, aflito*, amargamente *aflito*,
num gesto estranho que parece um grito.”
(Cruz e Sousa)

[11.v] "São uns olhos verdes, verdes." (G.Dias)
(Caetano, 2009)

Os caminhos acima apontados eram os únicos enfocados até a década de 80 do século XX.

Há, ainda, no entanto, quem enfoque a Gramaticalização de outras formas complementares àquelas primeiras, ou seja, como mudanças ocorridas em outras áreas da Linguística, como a mudança semântica, que privilegia a direção concreto > abstrato. Nesse campo, tem-se priorizado a teoria da metáfora (algo mais complexo e não presente no contexto transfere-se a outros domínios do mesmo paradigma, o que se dá por motivações calcadas em analogia ou similaridade) (Traugott e König, In: Traugott e Heine, 1991, p.77). Por exemplo, ao se dizer "Você é uma estrela", estar-se-á dando à pessoa não as características concretas do objeto estelar em questão, mas as abstrações analógicas que aquele mesmo objeto possui: brilho próprio, beleza, luminosidade.

Também há quem considere a metonímia outro processo de gramaticalização, já que a contiguidade metonímica necessita da mudança de contextos concretos para contextos pragmáticos de inferência conversacional e convencional (cf. Grice, 1980) para ser compreendida. Assim, por exemplo, um termo de natureza mais específica (semanticamente) adquire natureza mais genérica (pragmaticamente). É o caso, para ilustrar a questão, do verbo "fazer", que pode abarcar uma série de outros verbos, de conteúdos semânticos nada idênticos, mas que, num contexto conversacional, imprimem a informatividade e relevância necessárias ao processo comunicativo.

Por isso é que se podem dizer as seguintes frases, todas com o verbo "fazer" "genérico", cujos significados mais específicos são os que estão entre parênteses:

[11.w] *Fazer um bolo (cozinhar); Fazer um vestido (costurar); Fazer uma piada (contar); Fazer um livro (escrever); Fazer um doutorado (cursar); Fazer uma surpresa (preparar); Fazer uma casa (construir); Fazer as malas (aprontar); Fazer um empréstimo (solicitar, pedir, adquirir); Fazer um casamento (celebrar); Fazer um contrato (formalizar); Fazer as pazes (restabelecer).* (Cf. Caetano, 2010)

Observe-se que os verbos entre parênteses não guardam sinonímia. No entanto, podem ser substituídos pelo mesmo verbo “fazer”, o que prova a sua passagem específico > genérico, num típico processo de metonímia, em que as partes (os parênteses) são designadas pelo todo (o verbo “fazer”).

Outro exemplo ilustrativo ocorre com o verbo “ter” significando inúmeras atividades que seriam mais bem expressas com os verbos entre parênteses, o que aponta a generalização de “ter”, num paradigma que pode ser considerado como gramaticalização:

[11.x] *Ter muito dinheiro (possuir); Ter uma reação violenta (esboçar, manifestar); Ter uma atitude (tomar); Ter gente maldosa no mundo é algo muito ruim (haver, existir); Ter admiração (guardar, demonstrar, adquirir); Ter bons amigos (adquirir, arregimentar); Ter um segredo (guardar, manter) Ter sucesso (obter, conquistar, alcançar, manter) (Cf. Caetano, 2010)*

É importante salientar que os processos de extensão ou hipoteticamente Gramaticalização metafórica e metonímica são contemplados por ambas as correntes principais da Linguística. Do ponto de vista Funcionalista, o que se enfatiza é a capacidade comunicativa de os interagentes se compreenderem apesar do caráter semântico elíptico que caracteriza os dois processos, havendo, portanto, a emergência de funções/significações sobrepostas numa espécie de estrutura em cadeia. Do ponto de vista Formalista, o que se encarece é o aspecto cognitivamente motivado, que relaciona diferentes domínios cognitivos. Por essa razão, há enfoques igualmente válidos – comunicativo e cognitivo -, caracterizando, repita-se, as duas correntes principais a que há pouco se aludiu.

Deve-se deixar claro, no entanto, que a questão da metáfora e da metonímia como processos ou paradigmas de Gramaticalização são ainda hipóteses, embora se tenham feito estudos bastante consistentes, recentemente, na área em tela.